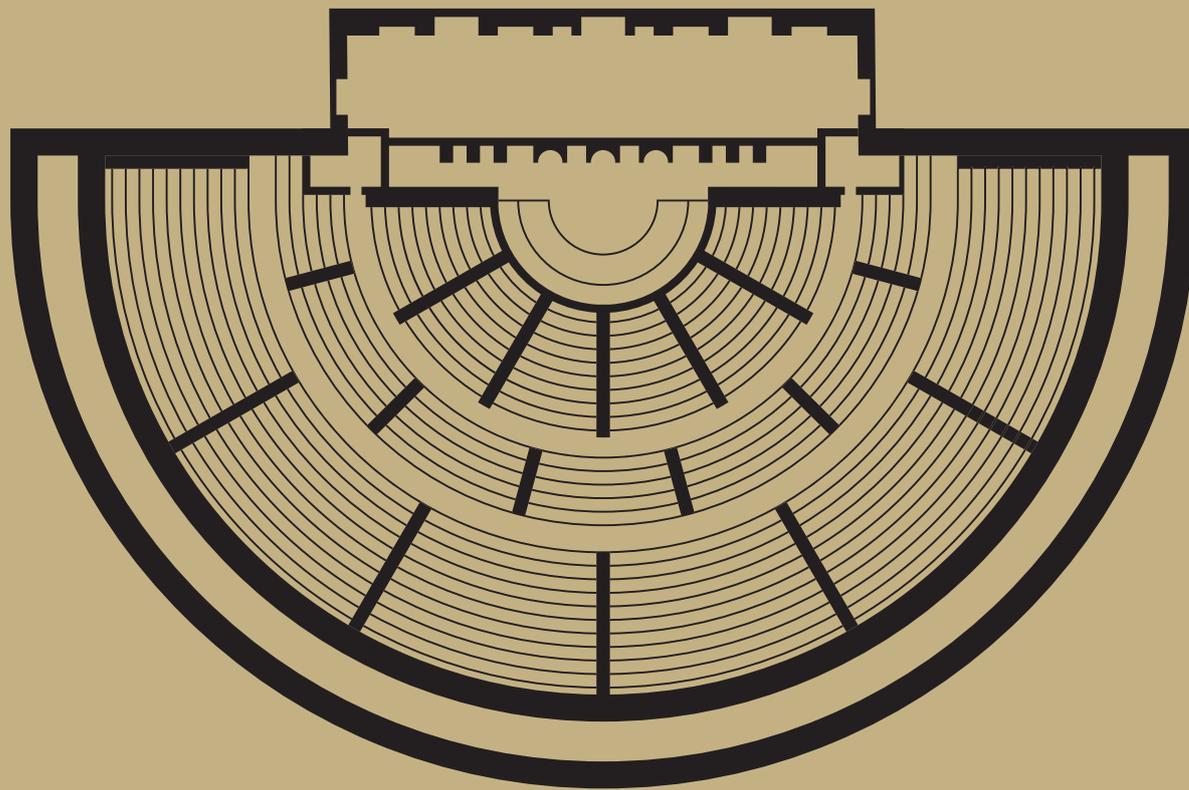


MMXXI - 2021

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



ATAS DO COLÓQUIO
IRISALVA MOITA
- VIDA E OBRA -





VOLUME II

MMXXI - 2021

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



ÍNDICE

EDITORIAL	4
PROGRAMA DO COLÓQUIO	9
DEPOIMENTOS	17
ATAS DO COLÓQUIO	23
Na esteira de Irisalva Moita Uma nova vida para o Museu da Cidade e sua transformação em Museu de Lisboa Joana Sousa Monteiro	24
Irisalva Moita e o processo de escavação do teatro romano de Lisboa Lídia Fernandes	44
Irisalva Moita e a Lisboa de Santo António Pedro Teotónio Pereira	60
Os saloios Irisalva Moita, uma ímpar investigadora do povo de Lisboa Ana Paula de Sousa Assunção	70
Memórias de duas intervenções O remanescente do Hospital Real de Todos-os-Santos em 1960-1961 e 1999-2001 André Bargão, Sara Ferreira e Rodrigo Banha da Silva	80
Évora & Lisboa – Quinhentista A Imagem e a Vida da Cidade Felix Teichner, Ana Gonçalves e Rita Torres Vaz Freire	92
Irisalva Moita and the Megalithism of Beira Alta Some reflections, half a century later João Carlos Senna-Martinez e Ana Cristina Martins	108
Irisalva Moita e o megalitismo alentejano (1952-1953) Leonor Rocha	122
Irisalva Moita, a "Estação Pré-Histórica de Vila Pouca" e a vertente norte de Monsanto Uma revisão dos dados antigos e novas considerações Carlos Didelet, Eva Leitão e Guilherme Cardoso	136
1973: São Vicente segundo Irisalva Moita Paulo Almeida Fernandes	150
Irisalva, uma inesquecível personagem Cristina Ramos e Horta	166
Irisalva Moita e o Museu Bordalo Pinheiro Pedro Bebiano Braga	174
Irisalva Moita e a construção do Museu da Cidade de Lisboa Ana Cristina Leite	186
ABSTRACTS	201

IRISALVA MOITA, A HOMENAGEM NECESSÁRIA

Joana Sousa Monteiro
Diretora do Museu de Lisboa / EGEAC

Irisalva Moita foi uma mulher extraordinária, dotada de uma determinação férrea colocada ao serviço do conhecimento, da defesa e da divulgação da história e do património de Portugal e, muito em particular, de Lisboa.

Foi a criadora do antigo Museu da Cidade de que o Museu de Lisboa é direto herdeiro, bem como arqueóloga de renome, responsável por escavações fundamentais como as do Hospital Real de Todos os Santos e do Teatro Romano de Lisboa. Irisalva Moita marcou de modo indelével as décadas de 1960 até aos anos 90, nas áreas da história, da arqueologia e da museologia portuguesas.

Sendo o Museu de Lisboa absoluto devedor da sua obra e legado, antes de mais, pela própria criação, em 1979, da entidade museológica que o originou, era da maior relevância a realização de uma homenagem consistente a Irisalva Moita, que apenas pecou por tardia.

Decidiu, então, o Museu de Lisboa celebrar a vida e obra de Irisalva Moita através de um programa diversificado concretizado em maio de 2019: a conceção e lançamento da edição *Irisalva Moita – um percurso fotobiográfico* (autoria de Margarida Almeida Bastos e Rita Fragoso de Almeida); a organização de um Colóquio sobre Irisalva

Moita e a sua obra, coorganizado pelo Museu de Lisboa e pela Sociedade de Geografia de Lisboa e que teve lugar nos Paços do Concelho e no Auditório Adriano Moreira na SGL; e a disponibilização de um pequeno Roteiro da Lisboa de Irisalva.

O segundo número da nova revista científica *Scaena*, editada pelo Museu de Lisboa – Teatro Romano e dedicada à Lisboa em época Romana, à arqueologia na cidade e à sua história, corresponde às atas do Colóquio sobre Irisalva Moita. Conta, assim, esta publicação com textos sobre o trabalho de Irisalva relativo à (re)descoberta do Teatro Romano de Lisboa, à constituição do antigo Museu da Cidade e sua posterior evolução, e a alguns aspetos dos seus estudos sobre a história de Lisboa. Também aqui encontramos artigos referentes às particularidades da sua personalidade marcante, e ainda ao resultado de investigações de Irisalva noutras zonas do País, nomeadamente na Beira Alta, no Alentejo e em Monsanto.

O conjunto dos textos publicados constitui um corpo significativo de testemunhos do seu extraordinário legado científico. É nosso dever, mas, mais ainda, nossa honra e privilégio poder contribuir para a investigação e para a divulgação da obra de Irisalva Moita.

IRISALVA E LISBOA

Lídia Fernandes

Coordenadora do Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC

Falar de Irisalva Moita é falar de Lisboa. Há pessoas que nos evocam de imediato algo e Irisalva Moita tem a particularidade de nos fazer evocar várias sensações e múltiplos aspetos em simultâneo. São tantos quantos os temas a que se dedicou, desde a arqueologia à história, ao património ou à museologia.

Dentro destes grandes campos do conhecimento são variadíssimos os assuntos que prenderam a sua atenção, sobre os quais escreveu, analisou e investigou. Ao passar os olhos pelas obras que redigiu, artigos que publicou e relatórios que saíram do seu punho fica clara esta multiplicidade de interesses que caracterizam um espírito desperto, curioso e verdadeiramente *sui generis* e voluntarioso. A sua condição de mulher, aspeto não despiciendo tenho em conta a época em que viveu e os primeiros tempos em que decorreu o começo da sua vida profissional em Lisboa, serão marcantes no seu destino, tanto para o bem como para o mal.

Lisboa, uma cidade profundamente retrógrada e onde o peso do masculino continuaria a ser determinante durante muito tempo, deixou as suas marcas no percurso de vida de Irisalva, o que se manifestou, desde logo na Faculdade de Letras, onde se licenciou em Ciências Históricas e Filosóficas e, mais tarde no início da sua carreira como docente da mesma instituição, e que teve o seu epílogo com a rescisão do seu contrato em 1957.

Este início de carreira, simultaneamente auspicioso e desencorajador, provou que Irisalva era talhada para voos mais altos, não enquadráveis nas paredes austeras de instituições comandadas por alguns homens. Curiosamente, será outro homem, o então presidente da Câmara Municipal de Lisboa, que lhe dará as convenientes condições à implementação da primeira experiência de arqueologia urbana em território nacional, através do convite que lhe endereçou de encetar o ambicioso projeto de colocar à vista o teatro romano de Lisboa.

A sua tese de Licenciatura, apresentada em 1949 e que nunca chegou a publicar, teve como título *Para o estudo do Problema Físico e Filosófico da Casualidade*, tema que nos parece inesperado perante o percurso da investigação, essencialmente de caráter histórico, que posteriormente desenvolveu, mas que é claramente elucidativo da vastidão dos seus interesses.

É precisamente essa característica que ressalta da bibliografia produzida por Irisalva. Temas como os Descobrimentos, o tráfico escravagista, a cultura castreja e megalítica, a ourivesaria, a arquitetura contemporânea, a iconografia de Lisboa, a ceramologia, o urbanismo, povos indígenas de Angola, mosaicos romanos ou a arte funerária lusitano-romana ...

A realização de um colóquio dedicado a Irisalva não necessitaria de justificação. Constituiu um dever nosso, uma obrigação e uma homenagem de quem herdou a sua experiência, a sua investigação, as suas descobertas e conhecimentos. Relembrar esta estudiosa e apaixonada da cidade faz-nos perceber o quão pequenos somos perante o tanto que Irisalva fez e nos deixou.

Apresentar em papel os contributos dos vários investigadores sobre Irisalva, apresentados no Colóquio que teve lugar nos Paços dos Concelhos e na Sociedade de Geografia de Lisboa nos dias 9 e 10 de maio de 2019 em Lisboa, representa o desfecho natural de uma homenagem que urgia ser feita e que, esperemos, não seja a única. Alguns dos textos que aqui se incluem constituem a continuação de trabalhos pioneiros realizados por aquela investigadora. Esta publicação presta justiça à sua investigação comprovando que o conhecimento se produz cumulativamente.

Pessoalmente, enquanto arqueóloga que trabalha no teatro romano de Lisboa desde 1989, é para mim uma honra ter conhecido Irisalva e ter continuado, de algum modo, o trabalho por ela iniciado no teatro romano de Lisboa.

A possibilidade de dedicar o número 2 da *Revista Scaena*, revista editada pelo atual Museu de Lisboa – Teatro Romano, constitui uma singela homenagem à memória de Irisalva.



PROGRAMA DO COLÓQUIO

IRISALVA MOITA

VIDA E OBRA

9 — 11 MAIO 2019

9 MAIO 2019

PAÇOS DO
CONCELHO

9.30H

ABERTURA DOS TRABALHOS

**Apresentação da Sr^a Vereadora da Cultura
da CML Catarina Vaz Pinto**

**Apresentação da Diretora do Museu de Lisboa
/ EGEAC - Joana Sousa Monteiro**

10.00H - 10.30H

“ENTREVISTA A IRISALVA MOITA”

Documentário (Videoteca Municipal de Lisboa)

10.30H - 11.00H

IRISALVA MOITA: UM NOME

Paulo Pereira*

11.00H - 11.25H

NA ESTEIRA DE IRISALVA MOITA

Uma nova vida para o Museu da Cidade
e sua transformação em Museu de Lisboa

Joana Sousa Monteiro

11.25H - 11.45H

CAFÉ

11.45H - 12.10H

IRISALVA MOITA E O PROJETO DE INTERVENÇÃO DO TEATRO ROMANO DE LISBOA

Lídia Fernandes

12.10H - 12.30H

IRISALVA MOITA E O AZULEJO PORTUGUÊS

José Meco*

12.30H - 13.15H

MESA REDONDA

A propósito do depoimento de
Mila Simões de Abreu “Irisalva Moita
- recordações privadas”, conversa
e intervenção de Marília Moita Teixeira
de Sousa, Maria Adriana Nóbrega Simões
e outros familiares de Irisalva Moita

Moderação de Paulo Almeida Fernandes

13.15H - 15.00H

ALMOÇO

15.00H - 15.25H

IRISALVA MOITA E A LISBOA DE SANTO ANTÓNIO

Pedro Teotónio Pereira

15.25H - 15.45H

OS SALOIOS

Irisalva Moita, uma ímpar
investigadora do povo de Lisboa

Ana Paula Assunção

15.45H - 16.05H

MEMÓRIAS DE DUAS INTERVENÇÕES

O remanescente do Hospital Real de
Todos-Os-Santos em 1960-1961 e 1999-2001

**André Bargão, Sara Ferreira,
Rodrigo Banha da Silva e André Teixeira**

16.05H - 16.25H

CAFÉ

16.25H - 16.50H

IRISALVA MOITA (1924-2009)

Um percurso singular na
Arqueologia portuguesa

Carlos Fabião*

16.50H - 17.10H

DA PANORÂMICA DE LEIDEN À ACADEMIA DE BELAS-ARTES

A propósito dos estudos de iconografia
de Lisboa na obra de Irisalva Moita

Maria Helena Barreiros*

17.10H - 17.30H

ÉVORA – QUINHENTISTA

A Imagem e a Vida da Cidade

**Felix Teichner, Ana Gonçalves
e Rita Torres Vaz Freire**

18.30H

APRESENTAÇÃO DA FOTOBIOGRAFIA DE IRISALVA MOITA

Museu de Lisboa - Palácio Pimenta

* O TEXTO RELATIVO À COMUNICAÇÃO ORAL NÃO FOI ENTREGUE PELO AUTOR

* O TEXTO RELATIVO À COMUNICAÇÃO ORAL NÃO FOI ENTREGUE PELO AUTOR

10 MAIO 2019

SOCIEDADE
DE GEOGRAFIA
Auditório
Adriano Moreira

10.30H
**ABERTURA
DOS TRABALHOS**

com o Sr. Presidente da Sociedade de
Geografia de Lisboa, Professor Catedrático
Luís Aires-Barros

10.45H - 11.15H
**IRISALVA MOITA
E O MEGALITISMO
DA BEIRA ALTA**

Algumas reflexões, volvido meio século

**Ana Cristina Martins e
João Carlos Senna-Martinez**

11.15H - 11.35H
**IRISALVA MOITA
E O MEGALITISMO
ALENTEJANO
(1952-1953)**

Leonor Rocha

11.35H - 11.55H
**IRISALVA MOITA
E A “ESTAÇÃO
PRÉ-HISTÓRICA
DE VILA POUCA”**

**Carlos Didelet Vasques, Eva Leitão
e Guilherme Cardoso**

11.55H - 12.15H
CAFÉ

12.15H - 12.40H -
**A LEGENDA
DE SÃO VICENTE**

Antes e depois de Irisalva Moita

Paulo Fernandes

12.40H - 13.00H
**CASAS DE MEMÓRIA
POR LISBOA**

Onde Nasceram, Viveram ou Faleceram
- Personalidades que Identificam a Cidade

Augusto Moutinho Borges e Adelaide Nabais*

13.00H - 13.20H
**IRISALVA,
UMA INESQUECÍVEL
PERSONAGEM**

Cristina Ramos e Horta

13.20H - 15.30H
ALMOÇO

15.30H - 15.55H
**RAFAEL
BORDALO PINHEIRO
E O MOBILIÁRIO
EXPOSITOR**

Pedro Bebiano Braga

15.55H - 16.15H
**IRISALVA MOITA
PIONEIRA DA
ARQUEOLOGIA
URBANA DE LISBOA**

Carlos Fabião*

16.15H - 16.35H
**IRISALVA MOITA E
A CONSTRUÇÃO DO
MUSEU DA CIDADE
DE LISBOA**

Ana Cristina Leite

16.35H - 17.30H
MESA REDONDA

A propósito do depoimento de Cristina
Ramos e Horta “Irisalva, uma inesquecível
personagem”: conversa com Salete Salvado,
Raquel Florentino e Ana Cristina Leite

Moderação de Assunção Júdice

11 MAIO

MUSEU DE LISBOA
TEATRO ROMANO

11.00H
**“AS LISBOAS
DE IRISALVA”**

Apresentação do Mapa / Roteiro

11.30H - 12.00H
**PERCURSO
E VISITA**

* O TEXTO RELATIVO À COMUNICAÇÃO ORAL NÃO FOI ENTREGUE PELO AUTOR



Aspeto dos trabalhos no dia 10 de maio no Auditório Adriano Moreira na Sociedade de Geografia de Lisboa.
© José Avelar, Museu de Lisboa / EGEAC



Aspetos dos trabalhos no dia 9 de maio na Sala do Arquivo dos Paços do Concelho
© José Avelar, Museu de Lisboa / EGEAC



Visita ao Museu de Lisboa - Teatro Romano e apresentação do "Roteiro As Lisboas de Irisalva"
© José Avelar, Museu de Lisboa / EGEAC



Capa do roteiro. © Cathrin Loerke

DEPOIMENTOS



“A MINHA INESQUECÍVEL PRIMA ZAVA”

Maria Adriana Nóbrega Simões

A AUTORA DO ARTIGO NÃO ESCREVE SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

Ainda muito miúda passava, por vezes, um ou dois dias, na Quinta da Liberdade, onde uma outra mãe, a minha prima, também de nome Liberdade, cuidava, carinhosamente, de mim. Encantava-me o grande pomar de variadas árvores de saborosos frutos, que faziam a delícia de familiares e amigos a quem eram, generosamente, oferecidos. Aí, podia correr, saltar, trepar às árvores, sempre sob vigilância atenta da minha “mãe Liberdade”.

Com maçãs do pomar, a minha querida tia Justina (irmã de meu pai), enchia enormes tabuleiros, assando-as no forno, transformando-as, assim, num verdadeiro manjar dos deuses. O cheiro espalhava-se pela casa, envolvendo-a no doce aroma dos frutos que cresciam livremente, ao sabor da natureza.

Enquanto a minha tia era uma mulher muito doce, generosa e de uma humildade invulgar, empenhada no seu trabalho de cuidar da casa, dos muitos filhos e de outros tantos sobrinhos que, da quinta, faziam o seu espaço de eleição, o meu tio José, homem de constituição frágil, de longas barbas, (que me causava algum temor e muito respeito), era um republicano indomável, de grande verticalidade, não receando o cárcere, que, por vezes, experimentou, corajoso, inteligente, culto, feroz defensor da legalidade, lutou, contra ventos e marés, pelos seus ideais republicanos. Por outro lado, a sua grande sensibilidade manifestava-se, não só em relação à família, mas também no amor que dedicava às árvores do seu pomar que, tão carinhosamente tratava.

Um homem que não tinha a lágrima fácil, mas que, um dia, chorou, copiosamente, quando morreu uma laranjeira do seu pomar, como se de um familiar se tratasse.

De cada um deles a minha prima Zava herdou as qualidades que, fortemente, marcaram o seu carácter.

Dela, o registo mais antigo que guarda a minha memória, tem a ver com a sua despedida, nas vésperas de embarcar para Lisboa, quando foi a casa dos meus pais dar a notícia e despedir-se. Apesar da minha tenra idade, lembro-me, perfeitamente, desse momento, talvez porque tanto me impressionou a sua beleza e simpatia. Na verdade, nas minhas breves estadias na Quinta, no meio de tantos primos, era com os mais novos que me relacionava.

Só em Lisboa, quando me matriculei na Faculdade de Letras, no curso de História, é que, verdadeiramente, conheci a minha prima Zava. Nela vi sempre uma mulher de grande verticalidade e de forte carácter, bem patente na luta que tão dignamente travou, enquanto docente da Faculdade; uma mulher discreta, humilde, mas frontal na defesa dos seus ideais, por vezes, esgrimindo até contra poderosos; uma mulher incansável, competente, rigorosa e exigente no trabalho, para com os outros, mas também para consigo própria; uma autêntica guerreira na luta contra as agressões ao património olisiponense, de que muito se queixava; uma mulher afável, a sombra amiga e acolhedora para irmãos, sobrinhos, primos, que, depois dela, rumaram para Lisboa. Para todos era uma referência, a palavra certa, o conselho avisado, o centro do universo familiar.

“A MINHA TIA ZAVA”

Marília Teixeira de Sousa,
Com o apoio precioso da minha prima Ireneia Melo

A AUTORA DO ARTIGO NÃO ESCREVE SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

Jamais esquecerei a sua recomendação: “Nunca digas, na Faculdade, que és minha prima”. Percebi o conselho e, efectivamente, nunca referi o nosso grau de parentesco. O que é certo é que ele foi conhecido na Faculdade. Talvez o apelido e a origem nos tenham atraído.

Mais tarde, talvez por isso, ou talvez não, sofri alguns dissabores, o mais grave dos quais consistiu em nunca ter saído, em pauta, a avaliação do meu trabalho preparatório, para desenvolver a tese de licenciatura sobre Numismática de Angola. Todos os colegas foram avaliados. Eu, não. Dirigi-me à secretaria, onde ninguém sabia o que se passava; inquiri junto da direcção, da Professora Virgínia Rau, que nada me soube dizer; o meu professor orientador disse desconhecer as razões da minha “exclusão”, ou talvez não mas quisesse transmitir por insondáveis razões, só dos deuses conhecidas.

O tempo correu sem resposta, até que a tese de licenciatura foi abolida...

Mas voltemos à casa da Quinta da Liberdade

A casa da Quinta da Liberdade sempre foi um aprazível local de convívio de familiares e até de refúgio, como aconteceu quando explodiu o material bélico, existente no paiol, nas imediações da casa dos meus pais, provocando estilhaços nas redondezas e, naturalmente, um grande alarme.

Com apenas 15 dias de vida, vi-me envolvida numa fuga precipitada que teve como objectivo, alcançar a Quinta da Liberdade, situada fora do perímetro da cidade. E por lá ficámos alguns dias, até se esclarecer o que acontecera e se acalmarem os ânimos.

A casa da minha prima Zava, que conheci, na Av. Elias Garcia em Lisboa, era, como a casa da Quinta da Liberdade, de que foi eco, um local de convívio, de discussão de encontro e desencontro de ideias sobre temas vários, entre os quais, arte, política, história, arquitectura, museologia e fatalmente... Lisboa. Lisboa o grande amor e a grande preocupação da minha prima Zava, que encontrou no seu marido, o primo Zé Huertas, o apoio cúmplice, a força de caminhar em conjunto.

A minha tia Zava deixou-nos num dia 13 de Junho, dia de Santo António e de Lisboa. Da Lisboa que ela amava e do Santo por quem nutria grande ternura!

O seu nome Irisalva foi criado pelo seu pai, que ela orgulhosamente evocava, e cujo significado explicava: “Eu nasci às cinco horas da manhã! E o meu pai chamou-me Íris – Alva, Mensageira da Alva, Estrela da Manhã”.

Nascida numa família numerosa, a sexta de doze irmãos, era uma miúda magra, alta, loira e sardenta, destacando-se pelo seu espírito rebelde e combativo aliado à sua grande dedicação aos estudos. Trepava a todas as árvores da «Quinta da Liberdade» para apanhar os frutos com que se deliciava!

Energia, paixão, inteligência, integridade, generosidade, competência, eram algumas das suas características. Era uma líder nata, dotada de uma curiosidade sem limites, tudo a interessava e deliciava-se por descobrir coisas novas. Foi uma Mulher batalhadora (ela própria se definia como «corajosa, lutadora, atrevida») que, em 1944, rumou, sozinha, de Sá da Bandeira (Angola), para Lisboa, para se licenciar em História e Filosofia.

Conheci pessoalmente a minha tia, aos 11 anos, entre 1956/57, quando vim de Luanda, com os meus pais e irmão, gozar a ‘licença graciosa’ e ficámos na sua casa que partilhava com as irmãs Biba e Elda. Foram uns meses de deslumbramento pela descoberta de um ambiente que eu desconhecia. Sentadas no chão, as minhas tias corriam apaixonadamente sobre cinema, arte, história, literatura,

eu sei lá... mas, para minha grande mágoa, como andava no Liceu, a minha tia Zava obrigava-me a estudar e eu não podia desfrutar completamente dessas conversas! Já nessa altura eu sentia por ela um grande respeito e admiração. Lembro-me que era assistente na Faculdade de Letras e que houve uma récita, encenada pelos alunos, em que a retratavam como uma mulher bonita e elegante, mas também muito exigente, numa canção baseada na marcha popular do Bairro Alto, de 1955: “Passa ó Bairro Alto passa” e que dizia mais ou menos isto: “Ralha Irisalva, ralha, com todos ralha connosco até, Passa Irisalva, passa, Cheia de graça, mostrando quem é”.

Também colaborava no Museu Arqueológico «Dr. José Leite de Vasconcelos» onde começou por fazer inventariação.

Voltei ao seu contacto quando vim para Lisboa, terminar o meu curso de Agronomia, no período 1966-1971 e depois da descolonização de Angola, em 1975, e até à sua morte em 2009.

Vivi durante um ano em sua casa, quando frequentava o Instituto Superior de Agronomia. Com frequência, acompanhava a minha tia ao seu trabalho, no Museu da Cidade, e às ruínas do Teatro Romano de cujas escavações era responsável. Adorava estas idas! Íamos de manhã cedo e passávamos pela pastelaria Suíça para tomarmos o pequeno-almoço. A minha tia dava nas vistas pela sua elegância, beleza e exotismo e, mal o empregado a avistava, fazia imediatamente o seu pedido, antes de ela o formular! A seguir subíamos a Rua de São Mamede às Caldas e chegávamos ao teatro romano. Os gabinetes de trabalho e os achados arqueológicos encontravam-se

numa vivenda localizada em frente às ruínas, com uma vista espectacular sobre o rio Tejo e bem guardadas pelo Urbano.

Desses tempos recordo-me das conversas infindáveis entre ela e o marido, o meu tio Zé Huertas, com quem formava um casal muito cúmplice, em termos intelectuais e políticos. A Arqueologia, a História, a Museologia, a Política, eram uma fonte inesgotável de assunto. Eram capazes de passar um dia inteiro a visitar um museu e não se cansavam. E adoravam viajar, tanto no estrangeiro como no país, havia sempre qualquer coisa nova a descobrir.

Tal como as minhas primas, Heralda e Neia, tive sempre o seu afecto e apoio, acompanhando sempre os nossos estudos, saúde e bem-estar. 'Tia-galinha', ficava toda orgulhosa com as nossas pequenas vitórias, incentivavamos a querer mais e melhor, mas não nos perdoava nem erros premeditados nem preguiça, eram coisas que não admitia no seu universo. Muito conservadora quanto a costumes, não me deixava sair com o meu namorado à noite exigindo que eu entrasse em casa até às 20h00. Regras aplicadas, também, às minhas primas. Intitulava-se a "Tia Patrocínio" da "Relíquia" do Eça de Queiroz.

Orientava e acompanhava, de muito perto, os nossos percursos académicos e profissionais, assim como dos outros sobrinhos e, mais tarde, dos sobrinhos netos por quem manifestava muito carinho e encantamento.

Eram sagrados os sábados em sua casa. Eu e a minha prima Neia (que, na altura, também se encontrava cá a estudar Biologia) marcávamos presença ao almoço e depois íamos ao Superfrutas Almeidas tomar o café e comer um gelado Bévita, um luxo! Ao lanche chegava o meu tio Ote (o irmão mais novo), com o seu sentido de humor muito característico, que nos fazia rir até às lágrimas. Era um momento de tertúlia fantástico, onde tudo se discutia e a moda não escapava documentada pelas revistas francesas 'Elle' e 'Jours de France'. Era o seu lado 'coquette' que também me transmitiu.

Estes encontros foram enriquecidos com mais elementos da família após a descolonização. A troca de ideias, por vezes, aquecia... defendiam ideologias antagónicas.

Mas tudo passava, os laços familiares falavam mais alto. A sua casa era a «Casa-Mãe» da nossa família.

Que mais há a recordar desta tia que foi uma referência para nós?

- Os épicos passeios no «latinhas», um Citroën Dyane azul claro, conduzido pelo «exímio» condutor, tio Zé Huertas, co-pilotado pela tia Zava que até sugeria as mudanças adequadas embora nunca tenha tirado carta de condução! O tio queria desfrutar das paisagens e do luar... Perigo à parte, o objectivo era enriquecer o nosso conhecimento sobre Portugal, a sua História, as suas Gentes. E ainda tínhamos direito a um lauto piquenique;

- A casa de Janas, perto das Azenhas do Mar, embelezada por uma buganvília, em caramanchão, de portas abertas para todos;

- No conforto da sua casa, na Av. Elias Garcia, muito feliz quando a íamos visitar;

- A falar sobre Lisboa, a cidade que para ela não tinha segredos;

- A desempenhar as tarefas mais variadas, como, por exemplo, na cozinha, a inventar novos pratos... ou a ensinar novos pontos de croché...;

- Sempre a trabalhar, mesmo depois da reforma, na sala, numa mesinha com rodas cheia de blocos escritos;

Como diz a minha prima Heralda: «Gosto tanto de me lembrar da minha tia, tão linda, tão elegante, também vaidosa, com o seu cheirinho a 'Chanel 5', que nos recebia de braços abertos, com um grande sorriso e com um mimo especial para cada um de nós...».

ATAS DO COLÓQUIO

IRISALVA MOITA E O MEGALITISMO ALENTEJANO (1952-1953)

Leonor Rocha

UÉ/ECS. CEAACP/UALG (CEAACP/UALg
- UID/ARQ/0281/2019 - FCT)
lrocha@uevora.pt

Irisalva Moita, provavelmente influenciada pelo Prof. Manuel Heleno, de quem foi aluna e discípula, procedeu a algumas escavações arqueológicas em monumentos megalíticos funerários do Alentejo Central, nos anos de 1952 e 1953.

Apresenta-se neste trabalho uma reflexão sobre esta investigação e o contributo desta investigadora para as problemáticas da génese e evolução das arquiteturas megalíticas.

I História da Investigação Arqueológica na 1ª metade do Séc. XX

O megalitismo funerário existente no Concelho de Mora foi identificado e maioritariamente intervencionado na 1ª metade do séc. XX, por funcionários do Museu Etnológico ou, por investigadores com ligações pessoais/profissionais aos mesmos (Correia, 1914, 1921; Moita, 1956; Rocha, 2005; Vasconcelos, 1910, 1914). De facto, quando elaboramos a história da investigação desta área verificamos que, para além de alguns trabalhos mais ou menos casuísticos realizados essencialmente por amadores ou no âmbito do projeto de recolha de espólios para o Museu Etnológico (da responsabilidade de José Leite de Vasconcelos), o estudo do megalitismo de Pavia, realizado por Vergílio Correia entre 1914 e 1918, é um trabalho pioneiro a nível nacional. Temos, neste caso, a definição de um trabalho de cariz científico, para uma área coerente e com uma cronologia bem definida.

V. Correia, conservador do Museu Etnológico, vem a Pavia em finais de 1913, face à informação dada por um seu antigo colega, Dr. Joaquim Arnaud, que lhe refere a existência de um monumento onde teria aparecido espólio “no desmanchar de uma anta existente em propriedades de um parente do mesmo senhor” (Correia, 1914, p. 189). Estes materiais teriam, no entanto, sido recolhidos e guardados e poderiam ser do interesse do Museu Etnológico. Aparentemente, V. Correia havia estabelecido uma ligação de amizade com um dos filhos da terra quando se encontrava a estudar em Coimbra pelo que, desde logo, as suas estadias nesta vila alentejana passaram a ser apoiadas por estes, que lhe garantiam alojamento e transporte (em charrete) nas suas idas para os trabalhos de campo. De facto, ao mesmo tempo que cumpria a sua missão, V. Correia constatou que esta área possuía inúmeros monumentos megalíticos funerários pelo que, no seu regresso a Lisboa propôs a José Leite de Vasconcelos a realização de um trabalho mais sistemático de inventário e escavações neste conjunto que, naturalmente, servia os interesses do museu uma vez que iria contribuir para o enriquecimento dos seus depósitos.

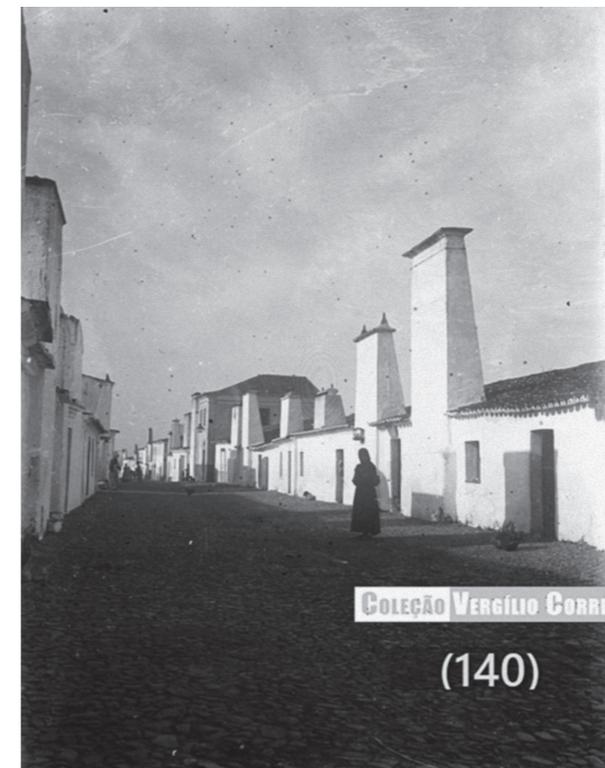
Delineado e autorizado o projeto, V. Correia volta a Pavia nos anos de 1914-15 e 1918 identificando 71 monumentos dos quais escavou 48. Quando analisamos os trabalhos realizados, à luz das metodologias atuais, temos que os considerar pouco científicos uma vez que o objetivo parece ter sido escavar o maior número possível de monumentos, no menor espaço de tempo possível, atendendo à descrição que realiza de uma semana de trabalho “ (...) em 6 na Folha da Anta (Tramagueira), em 7 no Considreiro (em frente de Cabeção); em 8 na Adua primeira (Pavia) e nas da Madre de Deus (Tramagueira); em 9 na Adua primeira e segunda; em 10 no abrigo sob rocha da Pedra da Moura (Lapeira); em 11, de manhã, no mesmo lugar, e de tarde, na anta-capela de S. Denis, na própria vila de Pavia. Em 12, domingo, encaixotaram-se os objetos recolhidos e regressei a Lisboa.” (Correia, 1914, p. 191). Acresce ainda que os trabalhos eram executados por trabalhadores rurais, sem qualquer formação específica, maioritariamente

mulheres, uma vez que, como se depreende pelas datas, a maioria dos homens tinham sido mobilizados para a 1ª Guerra Mundial, onde Portugal participou de forma muito ativa e com elevadas perdas (sobretudo a nível humano). Na realidade, em abono de V. Correia temos de salientar o carácter humanitário dos seus trabalhos que permitiram garantir o sustento de várias famílias certamente em graves dificuldades, nesta altura.

Os resultados destes trabalhos foram publicados logo em 1921 (Correia, 1921) mas em Espanha, uma vez que, por motivos ainda não totalmente esclarecidos, V. Correia na fase final do seu projeto incompatibilizou-se com Leite de Vasconcelos que, enquanto Diretor do Museu lhe negou o acesso a todo o espólio e documentação remetida regularmente para Lisboa. Assim, a informação publicada é sucinta senão mesmo truncada pois resulta, na maior parte dos casos, das suas memórias.

A fase seguinte inicia-se na década de 30, com Manuel Heleno, Diretor do Museu Etnológico. Neste caso, desconhecem-se as razões que o levaram a elaborar um projeto em torno do Megalitismo alentejano, uma vez que não se encontra explicitada em nenhum dos documentos (Cadernos de Campo) a que tivemos acesso (Rocha, 2005). Na realidade, duas hipóteses nos parecem viáveis e que muito provavelmente se conjugaram: i) a pretensão de determinar as origens e evolução do fenómeno megalítico, que segundo as suas hipóteses estariam ligadas aos concheiros do Tejo e do Sado; ii) ter conhecimento dos trabalhos que foram realizados por V. Correia pois, como se referiu, toda a documentação e espólio estavam depositados no Museu, que então dirigia. A sua análise levou-o desde logo a constatar que esta área apresentava uma grande variabilidade em termos de monumentos (arquitecturas) mas também de espólios, o que lhe interessava para poder comprovar a sua teoria evolucionista.

Fig. 1 – Pavia. Coleção chapas de vidro de V. Correia.



Apesar de iniciar os seus trabalhos no Alentejo em 1933, Manuel Heleno chega à freguesia de Brotas apenas em 1938, mais precisamente na Primavera, realizando os seus trabalhos entre Fevereiro e Maio desse ano. Não deixa de ser no entanto estranho que, em nenhum momento, ele refira o nome de V. Correia, apesar de ir reescavar alguns dos seus monumentos, na freguesia de Brotas (Serra de Brissos e Herdade das Águias). O seu comentário nestes monumentos é, por norma, muito vago e lacónico “Já tinha sido explorada” (Rocha, 2005, p. 226, vol. 2). Aparentemente V. Correia tornou-se efetivamente uma “persona non grata” no museu, e os seus trabalhos de escavação eram considerados de má qualidade pelo que tinham de ser, necessariamente revistos, tarefa que M. Heleno realizou em alguns dos monumentos da freguesia de Brotas e que, como veremos, Irisalva Moita foi incentivada a realizar, na freguesia de Pavia.

“Hoje é uma aldeia agrícola, que vive no trabalho das herdades que por léguas a estrangulam, desafogada apenas em magros ferragiais que se lhe achegam: mantem uma linha correcta de burgo velho estiraçado sôbre uma espinha montuosa, cujos topos vão morrer, de um lado nas águas ensombradas da ribeira de Tera, do outro em dilatado plaino de montados de azinho com blocos desgarrados de granito que escurecem e mancham de onde em onde a ramaria frouxa de arvoredos.”

Correia, 1914, p. 190

II Os trabalhos de Irisalva Moita

Irisalva Moita vem para o concelho de Mora, subsidiada pelo Instituto de Alta Cultura, no ano de 1952 onde permanece, muito provavelmente de forma não permanente, até 1953.

Sobre os motivos que a terão conduzido a Pavia, quando sabemos que o seu interesse de investigação se centrava numa época muito mais tardia (período romano) terá sido, muito provavelmente devido a M. Heleno, apesar de não o mencionar explicitamente na sua publicação “No propósito de continuar a exploração da zona iniciada por Vergílio Correia, cujos resultados foram publicados na citada obra *El Neolítico de Pavia*, e na medida do possível, fazer a sua revisão...” (Moita, 1956, p. 136). Eventualmente o próprio Manuel Heleno poderia ter originalmente este projeto mas, a sua chegada a este concelho foi, como vimos, já em 1938, altura em que muito provavelmente já não estaria tão motivado e por isso acabou por não passar da freguesia de Brotas. Anos mais tarde, sendo Irisalva Moita sua assistente, orienta-a para tarefas em torno do megalitismo uma vez que, para além deste trabalho em Mora, a envia também à região da Beira Alta, com o intuito de proceder a trabalhos de relocalização dos monumentos megalíticos existentes (Senna-Martinez & Martins, 2019). Na realidade, quando publica este trabalho Irisalva Moita está já na Beira Alta e daí referir que suspendeu temporariamente os seus trabalhos, nesta área.

Também a apreciação que faz sobre V. Correia é, obviamente, resultado das suas aulas com M. Heleno, na Faculdade de Letras pois considera que as teorias apresentadas por V. Correia têm pouco fundamento uma vez que assentam “...em escavações apressadas e plantas construídas sem precisão” (Moita, 1956, p. 136) ou ainda sobre os monumentos da Herdade da Têra “Depois de visitarmos os monumentos desta Herdade e das suas vizinhas e de os compararmos com os trabalhos publicados por Vergílio Correia, mais se nos arreigou a convicção de que toda a zona explorada por aquele investigador, necessita de uma revisão” (*Idem Ibidem*, p. 139).

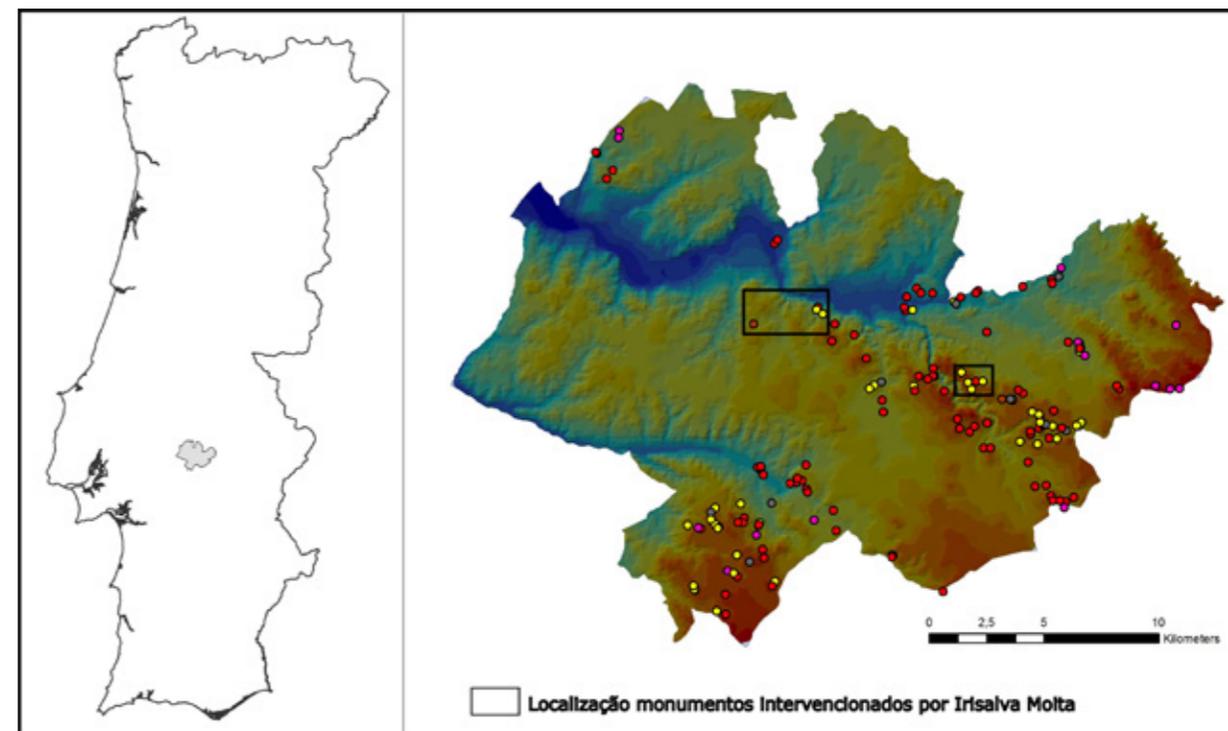
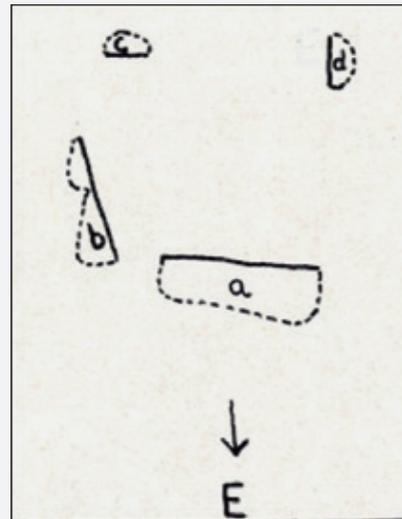


Fig. 2 – Localização do concelho de Mora a nível nacional e dos monumentos referidos neste trabalho.

Durante o período que permaneceu no Alentejo, Irisalva Moita procedeu a escavações em algumas antas e sepulturas megalíticas nas freguesias de Mora (Herdade da Barroca), do Cabeção (Herdade da Moita) e na freguesia de Pavia (Herdade da Têra e Herdade da Barroca). Esta aparente dispersão pelo concelho de Mora resulta do facto da área mais a oeste (Fig. 2) coincidir com os limites administrativos de três freguesias.

Na freguesia de Mora, escava um monumento, já destruído, na atualidade. Na realidade, pela observação das fotografias por ela publicadas, é perceptível que esta área (herdades da Barroca e da Moita) sofreu profundas alterações a nível do coberto arbóreo nos últimos cinquenta anos devido à introdução de uma agricultura de regadio, na várzea da Ribeira da Raia e de florestações, nas plataformas adjacentes, do lado Sul, onde se localizavam alguns dos monumentos intervençionados por I. Moita (Moita, 1956).

Em relação aos monumentos da Herdade da Barroca, refere também que identificou as duas sepulturas através de informação oral e que ambas tinham “(...) esteios arrancados quando das obras da estrada, para a pavimentação da mesma (...)” (Moita, 1956, p. 140).



Sepultura I da Herdade da Barroca (Mora)
Planta e espólio recolhido, sgd. I. Moita, 1956

	CÂMARA
Geométrico	2
Lâminas / lamelas	2
Machados	3
Cerâmica	1

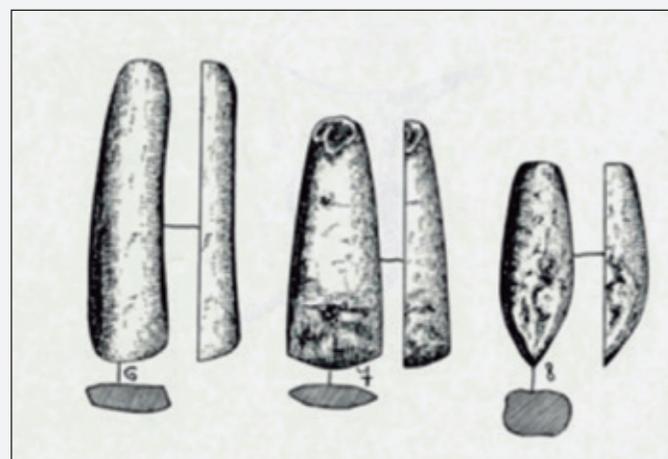
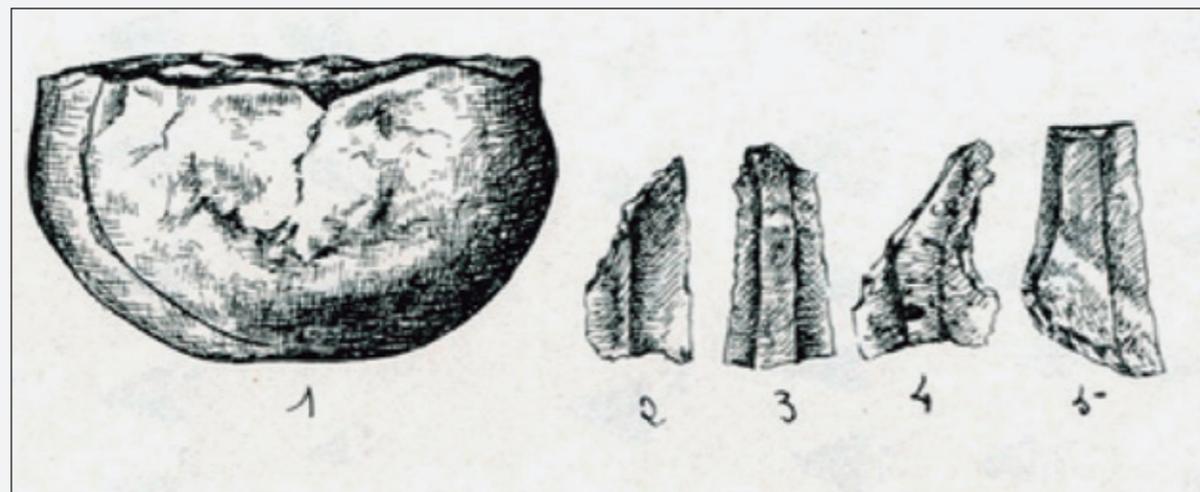


Fig. 3 – Planta e espólio da Sepultura I da Herdade da Barroca (sgd. Moita, 1956: Est. III, nº 1, 2; Est. VII)

1. Sepultura I da Barroca

A sepultura I da Herdade da Barroca localizava-se na freguesia de Mora. Atualmente desaparecida, já se encontrava muito destruída quando Irisalva Moita a intervencionou. Apresentava câmara de planta retangular, com quatro esteios, medindo 1,56 m de largura por 1,91 m de comprimento máximo (Fig. 3).

Apesar do monumento já se encontrar bastante danificado, foi possível recuperar um conjunto artefactual muito homogéneo que parece indiciar que este sítio nunca terá sido alvo de violações/reutilizações (Fig. 3).

Pela arquitetura e espólio encontrado, o monumento deverá corresponder ao Neolítico médio.

2. Sepultura II da Barroca

A sepultura II da Herdade da Barroca, localizada na freguesia de Pavia, encontrava-se mais destruída. Aparentemente já sem esteios, mas que atendendo às diferenças identificadas no terreno I. Moita considerou que se poderia tratar "(...) de uma sepultura mais ou menos retangular, com 1,15m de comprimento por 1,10m de largo." (Moita, 1956, p. 142).

Em relação ao espólio para além de alguns fragmentos de cerâmica "muito grosseira" (provavelmente romanos) foram recolhidos um fragmento de lamela e uma lasca retocada. Ambas em matéria silicosa.

Pela arquitetura e espólio encontrado, o monumento deverá corresponder ao Neolítico médio, com evidências de uma utilização e/ou reutilização em período indeterminado.

3. Anta I da Herdade da Barroca

A anta I da Herdade da Barroca, localizada na freguesia de Pavia, também se encontra destruída na atualidade. Apresentava câmara com quatro esteios, medindo 2,20 m no eixo E/W e 2,90 m no eixo N/S; possuía um pequeno corredor com cinco esteios e cerca de 1,20 m de comprimento (Fig. 4).

Em termos de espólio, I. Moita reporta a existência de apenas um dormente e um movente (Fig. 4), cuja deposição dentro de um monumento funerário é raro sendo o único caso que temos registado nesta área. Encontra-se com relativa frequência este tipo de artefactos incorporados nas mamoas ou mesmo a servir de calces, nos alvéolos (Calado, Rocha & Alvim, 2007; Rocha, 2016). Para além deste, foi encontrado um machado de pedra polida e alguns fragmentos de cerâmica (Moita, 1956, p. 143)

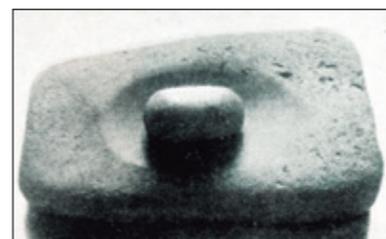
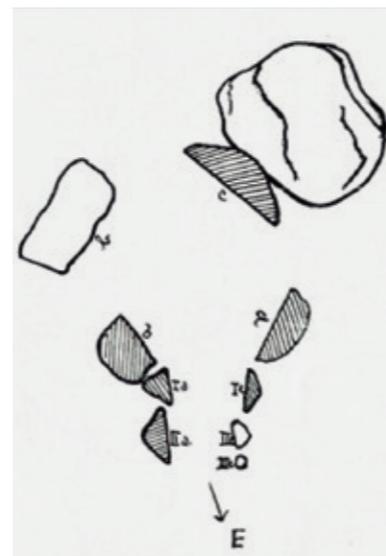


Fig. 4 – Planta e espólio da Anta I da Herdade da Barroca (sgd. Moita, 1956: Est. IV; Est. XVII)

4. Anta da Herdade do Montinho de Cima

A anta da Herdade do Montinho de Cima, localizada na freguesia de Mora, atualmente desaparecida, correspondia a uma pequena sepultura de planta poligonal, com cinco esteios, medindo 1,56 m no eixo N/S e, 1,80 m, no eixo E/W. O seu espólio, escasso, resumia-se a "... alguns fragmentos de cerâmica, lisa e carbonizada" (Moita, 1956, p. 140) e uma moeda de D. José I, nos níveis superficiais, o que indicia uma violação nesta época.

Em termos cronológicos, atendendo à arquitetura e espólio, os dados existentes parecem apontar para um monumento com uma fase de construção e utilização dentro do Neolítico médio com, pelo menos uma fase de violação, no séc. XVIII (Moita, 1956).

5. Anta I da Herdade da Moita

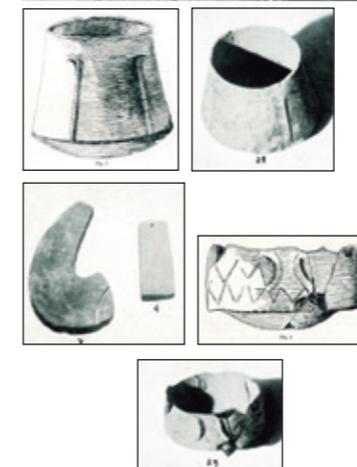
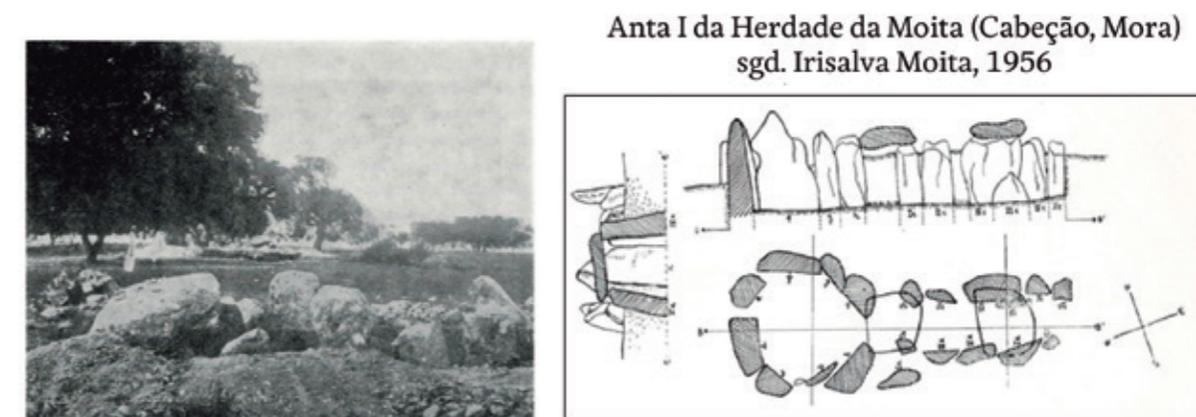
As Antas da Herdade da Moita, na freguesia de Cabeção, distam cerca de 50 m uma da outra e localizam-se na várzea da Ribeira da Raia, área que, como se referiu inicialmente, sofreu profundas alterações paisagísticas nos últimos 50 anos devido às transformações introduzidas a nível agrícola/florestal deixando de ser área de montado (Fig. 5) para produção de produtos hortícolas (tomate) e pomares.

Não obstante estas alterações, os dois monumentos não foram destruídos encontrando-se atualmente com uma planta bastante similar à apresentada por I. Moita (Moita, 1956), não obstante na Anta I não se encontram visíveis todos os esteios do corredor.

Em termos de arquitetura, a Anta I é o típico monumento megalítico de câmara com planta sensivelmente poligonal, 3,50 m de Ø máximo e oito esteios, e o corredor com 12 esteios e 5,50 m de comprimento (Fig. 5).

Em relação ao espólio, este monumento é, entre todos os que foram intervencionados por Irisalva Moita, o que forneceu mais espólio. Apesar de, como vimos, possuir câmara e corredor, a autora não especifica na sua publicação a exata proveniência dos mesmos razão pela qual, na Tabela apresentada (Fig. 5) colocamos todos como Indeterminado. Em termos gerais refere sobre a escavação da câmara que esta tinha, nos níveis superficiais uma violação do período romano salientando a existência de um elevado número de placas de xisto "sem o menor indício de trabalho artificial" e que a base da câmara tinha uma "autêntica calçada de burgau" (seixos), sobre a qual se depositava o maior número de espólio aqui encontrado (Moita, 1956, p. 147). Nas considerações finais, sobre este monumento refere que "o espólio cerâmico foi abundantíssimo em todo o monumento, mas principalmente à entrada da câmara, na última camada, onde formavam verdadeiros cachos em número de seis e mais, colocados em posições variadas" (*Idem Ibidem*, p. 174)

Sobre o corredor salienta a dificuldade da sua escavação devido à presença de raízes e de pedras. Sobre o espólio salienta menor ocorrência de vasos cerâmicos mas, refere que "foi um verdadeiro reservatório de machados (.../...) Só numa zona de 420 cm², junto do esteio e (dir.) encontramos 35 machados" (Moita, 1956, p. 148).



	INDETERMINADO
Pontas seta	97
Lâminas	19
Pedra lascada (outros)	10
Machados	50
Enxós	15
Pedra Polida (outros)	2
Cerâmica	47
Placas xisto	3
Contas de Colar	6
Báculo	1
Outros	2

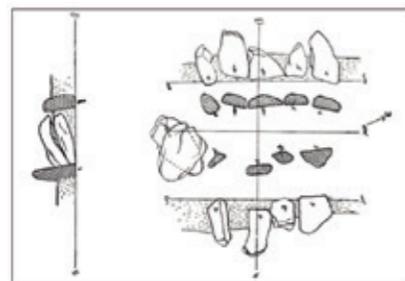
Fig. 5 – Anta I da Herdade da Moita: imagens do monumento, planta e espólios (sgd. Moita, 1956: Est. V) e do monumento em 2010 (antes e depois da limpeza).

Do espólio, que publica inúmeras imagens (fotos e alguns desenhos) salientamos:

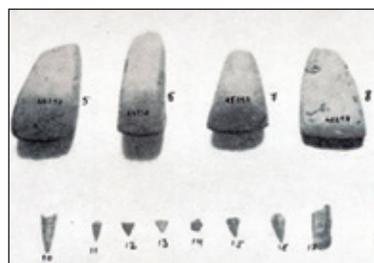
- I. Dentro da pedra lascada a presença de pontas de seta com os três principais tipos de bases (planas, concavas e convexas) e a ausência de grandes lâminas. Na realidade, pelas medidas apresentadas, a maior parte delas ainda cabe dentro da categoria das lamelas se consideramos o critério da largura ($\leq 1,5$ cm);
- II. Na pedra polida o predomínio de machados parcialmente polidos. Dos 65 instrumentos encontrados, 15 são enxós;
- III. No que concerne à cerâmica, excetuando os dois vasos decorados (Fig. 5) a restante cerâmica apresenta uma grande homogeneidade, com predomínio dos esféricos ou semiesféricos e escassez de peças carenadas;

Em termos cronológicos, a presença de placas de xisto e de um báculo coloca este monumento no Neolítico final/Calcolítico, ou seja, na transição do 4º para o 3º milénio a.C.

Em 2010, no âmbito de projeto de investigação que a signatária tinha em curso nesta área procederam-se a trabalhos de limpeza do monumento, que se encontrava parcialmente coberto por vegetação arbustiva (silvas) e o interior repleto de lixos recentes (arames, plásticos, frascos de vidro das vacinas veterinárias, latas, etc.). Restava ainda parte de uma cobertura de madeira uma vez que, em época incerta, o monumento serviu também como abrigo de pastores e agricultores.



Anta II da Herdade da Moita (Pavia)
sgd. I. Moita, 1956



	CÂMARA
Pontas de Seta	6
Lâminas	1
Pedra Lascada (outros)	1
Machados	4
Cerâmica	Frgs.

6. Anta II da Herdade da Moita

A anta II é, na realidade, uma pequena sepultura megalítica, que apresentava câmara com planta ovalada, alongada, com nove esteios (um em falta) e 4,20 m de comprimento (Fig. 6).

O espólio recolhido, composto por fragmentos de cerâmica (manual e de roda), pedra polida e pedra lascada, comprova que este monumento teve duas fases de utilização, um que deverá corresponder à sua 1ª fase de utilização (Neolítico médio/final) e outra, de uma fase de reutilização/violação, correspondendo ao período romano (Fig. 6).

Em 2010, também se procederam a trabalhos de limpeza do monumento, que estava completamente encoberto por vegetação arbustiva (Fig. 6). Comparando o estado atual com a planta apresentada por I. Moita verificamos que se apresenta atualmente mais danificado.

Fig. 6 – Anta II da Herdade da Moita: imagens do monumento, planta e espólios (sgd. Moita, 1956: Est. VI; Est. XVII) e do monumento em 2010 (antes e depois da limpeza).

III Conclusões

Os contextos funerários da Pré-história recente, genericamente enquadráveis entre o 4º e 3º milénios a.C., possuem diferentes tipos de invólucros, uns construídos pelo homem (como os monumentos megalíticos, as grutas artificiais e os hipogeus escavados na rocha) e outros naturais (em grutas e abrigos). Dentro do megalitismo, os monumentos do tipo anta são os que, naturalmente, desde sempre mais atraíram a atenção, quer por simples curiosidade dada a sua monumentalidade, quer por superstições ou interesse económico (espoliações).

Em termos científicos o seu estudo inicia-se no séc. XIX, através do registo, escavações, ou simples recolha de espólios e, a sua compreensão, enquanto fenómeno local, regional ou mesmo europeu, ainda carece de dados mais fiáveis, sobretudo a nível da relação arquiteturas/espólios/cronologias.

Ora, foi precisamente esta questão que motivou Irisalva Moita a deslocar-se para a área de Mora/Pavia. Os dados anteriormente compilados por V. Correia (Correia, 1921) e M. Heleno (Rocha, 2005) e, muito provavelmente por “imposição” deste último, que pretendia obter uma revisão dos trabalhos de V. Correia, foram por ela considerados como a sua tarefa na região “No propósito de continuar a exploração da zona iniciada por Virgílio Correia (...) e na medida do possível fazer a sua revisão...” (Moita, 1956, p. 136).

No entanto, uma vez iniciados os trabalhos, rapidamente se altera o seu foco de interesse. Apesar de, como se viu, a tarefa inicial ser a de realizar uma revisão dos trabalhos de Vergílio Correia, após a escavação de dois monumentos na Herdade da Têra, junto a Pavia, abandona esta área e passa para as imediações de Mora, numa área não trabalhada por V. Correia nem por M. Heleno e onde identifica e intervencionam alguns monumentos inéditos. Esta alteração de estratégia não é de todo clara tanto mais que, logo a seguir abandona (definitivamente) o Alentejo. Na ausência de informações precisas sobre este assunto, duas hipóteses parecem-nos viáveis, i) o financiamento existente para este projeto era escasso e não lhe permitiu continuar; ii) Manuel Heleno poderá ter ficado desagradado com o desvio de Irisalva Moita e manda-a regressar a Lisboa para a encaminhar para outro destino, a Beira Alta onde, como sabemos, já se encontrava em 1955/56.

A atividade de Irisalva Moita acabou por ser, como a maior parte dos arqueólogos que na 2ª metade do séc. XX estudaram o megalitismo, condicionados pelos trabalhos de M. Heleno. De facto, apesar de este ter realizado uma atividade verdadeiramente notável em torno do megalitismo, no Alentejo Central, a não publicação dos seus resultados conjugado com a referência aos resultados obtidos apenas nas suas aulas na Faculdade de Letras de Lisboa ou em artigos na imprensa diária, criou, à sua volta, um mito. Manuel Heleno conseguiu tornar-se um arqueólogo verdadeiramente lendário dentro da arqueologia portuguesa por, supostamente, ter conseguido destrinçar as origens e evolução do megalitismo, a partir dos trabalhos desenvolvidos nesta área.

Irisalva Moita, como sua aluna e discípula segue, neste seu trabalho, as ideias partilhadas por M. Heleno nas suas aulas ao inserir a arquitetura megalítica em dois grandes grupos; i) Grupo Primitivo; ii) Grupo Evolucionado, referindo explicitamente que “Esta classificação foi proposta pelo Prof. Manuel Heleno nas suas lições na Faculdade de Letras de Lisboa” (Moita, 1956, p. 170). Na realidade, esta proposta é muito mais simples e linear do que a apresentada por Manuel Heleno, nos seus Cadernos de Campo (Rocha, 2005) que, dentro de cada um destes grupos apresenta sub-variantes mas, em termos gerais conjuga as arquiteturas simples (pequenos monumentos sem corredor) com espólios mais simples (geométricos, machados parcialmente polidos e de secção ovalada ou trapezoidal, com cerâmicas ausentes ou muito escassas) e, as arquiteturas mais complexas (monumentos de maiores dimensões, com corredor) com espólios também mais complexos, onde se integram já elementos como as placas de xisto, pontas de seta, formas cerâmicas mais evoluídas, por vezes com decoração simbólica.

No capítulo das Conclusões, Irisalva Moita realça dois aspetos que nos parecem importantes;

- I. Por um lado, a génese do megalitismo, considerando a teoria defendida pelo casal Leisner e a de Manuel Heleno; os primeiros mais virados para a existência de influências externas e, o segundo, para uma evolução interna, através dos concheiros (Leisner e Leisner, 1959; Rocha, 2005). Mas, neste campo, não podemos, à luz dos conhecimentos atuais, deixar de salientar as importantes diferenças regionais existentes em termos do megalitismo alentejano. De facto, a área intervencionada por M. Heleno, corresponde aos concelhos mais a Oeste e, os Leisner, ao concelho mais a Este; no primeiro caso corresponde a uma maior diversidade e variabilidade de arquiteturas e, no segundo, a uma grande padronização das mesmas em que estão praticamente ausentes, os monumentos do Grupo Primitivo, de Irisalva Moita;
- II. Relação espólios/arquiteturas. A ideia de que seria possível, a partir da leitura deste binómio, obter-se a “chave” para a compreensão do megalitismo, foi inequivocamente o que esteve na base do projeto de Manuel Heleno e também de Irisalva Moita, quando vem para Pavia/Mora/Cabeção. De facto, o modo como apresenta os resultados, com base nestes dois grupos é bem exemplificador desta sua ideia “Apesar do número reduzido de monumentos e da pobreza do espólio (...) os aqui apresentados são suficientes, senão para arquitetar, para corroborar uma hipótese elaborada sobre dados mais vastos” (Moita, 1956, p. 173) mas que tropeça, logo a seguir, nas duas antas da Herdade da Moita pois, se a Anta I apresenta aquilo que se considera adequado nesta relação de arquitetura evoluída/espólios evoluídos, na anta II “...logo um problema de difícil solução se nos levantou, ao estabelecermos o confronto entre a arquitectura – uma galeria rectangular – e o material, idêntico ao da sua vizinha, tendo mesmo algum dele (...) carácter mais evoluído” (*Idem Ibidem*, p. 175).

No estado atual dos conhecimentos, conjugando para além de arquiteturas/espólios megalíticos os dados provenientes das datações absolutas (que Irisalva Moita não dispunha) sabemos que não nos é possível atingir esse objetivo. Provavelmente nunca conseguiremos isolar conjuntos artefactuais “puros”, ou seja, conjuntos sobre os quais temos a certeza absoluta que correspondem à primeira fase de utilização de um determinado tipo arquitetónico. É verdade que temos alguns casos isolados em que “quase” podemos garantir essa correspondência – como nas sepulturas proto-megalíticas da área de Pavia – mas depois, não temos datações de C14, as quais se tornaram essenciais (pelo menos para alguns) para as validações formais das cronologias.

Estaremos assim perante um problema que nem no séc. XXI conseguiremos resolver? Provavelmente sim. A organização dos espaços dos mortos foi demasiado vivenciada pelos vivos, que distorceram, mesclaram ou mesmo destruíram os diferentes layouts.

Bibliografia

CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2007) - Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico. Volume 10. Número 2, pp. 75-100.

CORREIA, Vergílio (1914) - Crónica. Excursões arqueológicas ao Alentejo. *O Archeólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português. Série I. 19, pp. 189-192.

CORREIA, Vergílio (1921) - *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin, II-2.

MOITA, Irisalva (1956) - Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo. *O Archeólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português. Série II. 3, pp. 135-176.

ROCHA, Leonor (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: FLL. Tese de doutoramento policopiada.

ROCHA, Leonor (2016) - *Anta da Tapada do Castelo (Stº António das Areias, Marvão)*. Relatório Técnico-científico Final. Acessível nos Arquivos do IGESPAR. Lisboa.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina (2019) - Irisalva Moita e o Megalitismo da Beira Alta: algumas reflexões, volvido meio século. Comunicação apresentada Colóquio “*Vida e Obra de Irisalva Moita*”. Lisboa.

VASCONCELOS, José Leite (1910) - *Analecta archeológica*. I. Dolmen transformado em capella. *O Archeólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português. Série I. 15, pp. 321-322.

VASCONCELOS, José Leite (1914) - Anta de Pavia. *O Archeólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português. Série I. 19, pp. 376-377.

FICHA TÉCNICA

Edição

EGEAC, EM I Museu de Lisboa – Teatro Romano

Coordenação editorial

Lídia Fernandes

Textos

Ana Cristina Leite

Ana Cristina Martins

Ana Gonçalves

Ana Paula de Sousa Assunção

André Bargão

Carlos Didelet

Cristina Ramos e Horta

Eva Leitão

Felix Teichner

Guilherme Cardoso

Joana Sousa Monteiro

João Carlos de Senna-Martinez

Leonor Rocha

Lídia Fernandes

Maria Adriana Nóbrega Simões

Marília Teixeira de Sousa

Paulo Almeida Fernandes

Pedro Bebiano Braga

Pedro Teotónio Pereira

Rita Torre Vaz Freire

Rodrigo Banha da Silva

Sara Ferreira

Colaboração

Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa

Ana Cristina Martins, João Carlos de Senna-Martinez

Projeto gráfico

atelier-do-ver

Revisão e edição de texto

Carolina Grilo, Cristóvão Fonseca, Lídia Fernandes,

Marcelo Varandas, Marina Marques

Impressão

Rigor das Cores - Impressão Gráfica Lda.

Tiragem

500 exemplares

ISSN

2184-6979

Ano

2021

Depósito Legal

478164/20

Agradecimentos

Ana Cristina Martins, João Carlos

de Senna-Martinez, José Avelar,

Lurdes Garcia, Arquivo Municipal de

Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa)



**MUSEU
DE LISBOA**

**PALÁCIO
PIMENTA**

**SANTO
ANTÓNIO**

**TEATRO
ROMANO**

**CASA DOS
BICOS**

**TORREÃO
POENTE**

Um museu. Cinco lugares. One museum. Five places.